

Editorial

Se por um lado a situação do ensino de dança no Brasil já mudou substancialmente desde que Roger Garaudy (1979) declarou que a dança era o “primo pobre da educação” - a dança hoje, por exemplo, foi incluída como linguagem artística na área de Arte pelos Parâmetros Curriculares Nacionais -, por outro ainda continua carecendo de reflexões mais consistentes, críticas e atualizadas para que possamos realmente fazê-la presente e significativa em nossas escolas.

Um dos grandes problemas na área de ensino de dança no Brasil é sem dúvida a formação e capacitação de professores que tenham tanto experiência artística quanto preparo e reflexão pedagógicas para ensinar dança. Inerente a este problema está a falta de bibliografia especializada em português que não continue incidindo em concepções de arte e de ensino de dança incompatíveis com as discussões mais avançadas sobre educação no país. Ou seja, enquanto as discussões na área de educação já abordam questões cruciais para este final de milênio (gênero, raça, etnia, classe social, ética, meio ambiente, pluralidade cultural etc), ainda é muito grande o número de dissertações, teses, livros e artigos que continuam discutindo acriticamente as teorias e práticas para o ensino de dança.

Já existem hoje outros referenciais - não muitos! - para questionar e ter uma visão mais crítica sobre os argumentos que fizeram o filósofo Roger Garaudy chegar a seu texto principal e enfatizar a necessidade de “dançarmos a vida”. Garaudy, que ainda é, para muitos no Brasil, o único - ou o principal - referencial da história da dança, traz sua indignação em relação ao balé clássico quanto à falta, inerente a esta modalidade de dança, de potencial expressivo transformador da “essência” de ser humano que, segundo ele, está presente na dança moderna.

Garaudy apóia-se em um referencial moderno e modernista tanto da dança quanto do ensino desta arte: em primeiro lugar, rejeita o balé clássico como arte sem, contudo, contextualizá-lo devidamente tanto na época de sua origem quanto - obviamente pela época em que seu texto foi escrito - na situação atual. Assim, uma leitura ingênua de seu texto, hoje pode incidir também em leituras e práticas ingênuas do ensino de dança já no final da década de 90.

Seria interessante começarmos com algumas perguntas centrais sobre os referenciais de Garaudy: Como se situa o modernismo em dança hoje? Como este pensamento estético e filosófico influenciou o ensino de dança em diversos países do mundo e como pode-

ríamos entendê-lo hoje? Ou seja, o pensamento moderno ainda faz sentido no contexto atual? E mais, como este pensamento está inserido nas práticas e teorias do ensino de dança no Brasil de hoje?

Mais além, qual o papel do corpo na dança e do corpo que dança hoje? Que propostas temos na área de ensino de dança para o fim da década de 90 que inclua esta discussão teórica? Este corpo, que também é gênero, raça, etnia, classe social etc. faz parte de nossas discussões e práticas ou ainda continua sendo visto como simplesmente o “espelho da alma”, “a ligação entre o céu e a terra” como afirmavam alguns modernistas presentes no texto de Garaudy?

Por esta razão, inicio este número com o artigo da professora norte-americana Claudia Gitelman que nos fornece uma discussão interessante sobre a história da dança americana a partir do modernismo, situando-nos, principalmente, em relação a seus desdobramentos. Ou seja, desde os “pioneiros”, a concepção de dança tanto nos Estados Unidos quanto no mundo já foi “reviravoltada”, deixando-nos, assim, com um leque de opções muito mais vasto do que aquele apresentado e defendido por Garaudy (e aceito por muitos professores, pesquisadores e artistas brasileiros como únicos).

A pedido da Comissão organizadora da Revista Pró-posições, que nos solicitou também uma discussão sobre estética, inclui nesta edição especial o artigo da Prof^a Susan Stinson, o primeiro deles, que aborda a questão da estética e da educação, tendo como veio principal a discussão da moralidade e das aulas de dança. Acima de tudo, Stinson nos chama a pensar sobre duas grandes questões: O que é ser humano neste mundo? Como devemos viver juntos? (Macdonald, 1977) e nos propõe relacioná-las às nossas práticas educacionais nas aulas de dança.

Dando continuidade a esta discussão, o texto da professora norte-americana Sherry Shapiro nos dá subsídios para pensarmos um currículo de dança que amplia consideravelmente a concepção de ensino de Garaudy: a autora propõe um ensino de dança que abarque as pedagogias crítica e feminista a fim de não mais cairmos ingenuamente no mundo da dança, afastando-nos de nossas histórias pessoais (inseridas no corpo) e de nosso compromisso social como educadores.

A seguir, a visão contemporânea de Susan Stinson sobre o ensino de dança encontra-se, principalmente, na abordagem metodológica de seus dois artigos que tratam da questão de gênero na dança. A autora, ao invés de lançar um receituário sobre “como dar aulas de dança para meninos”, permite que eles falem de suas experiências. Assim, trabalha com um dos grandes tabus na área de ensino de dança, enfatizando a necessidade de ouvirmos as múltiplas vozes que compõem nossas salas de aula, incluindo as vozes dos meninos. Podemos, dessa forma, comparar, ampliar e elaborar nossas próprias referências.

Complementando esta discussão, a professora Karen Bond, da Austrália, discute um projeto de dança para crianças em idade pré-escolar que enfocou as questões de gênero na dança. A abordagem de Bond, também qualitativa, desafia os conceitos modernos de dança, pois discute como as relações de gênero são construídas e aprendidas em sala de aula.

Finalmente, incluo uma das questões contemporâneas mais instigantes no ensino de dança que diz respeito ao corpo. Discuto em meu artigo as relações existentes entre concepções de corpo na história da dança no mundo ocidental e algumas propostas existentes para o ensino de dança decorrentes destas distintas visões. Acredito que este artigo possa

contribuir para uma relação mais crítica entre as diversas visões de corpo e suas implicações pedagógicas, levando-se em conta o aluno que temos - cidadão de uma sociedade tecnológica.

Para encerrar, a Prof^ª Sylvie Fortin, do Canadá, apresenta-nos sua pesquisa qualitativa na área de ensino de dança que aborda, na prática, a questão/visão do corpo na dança no mundo contemporâneo e discute a possibilidade de se incorporar ao aprendizado da técnica de dança a educação somática.

Espero que a organização deste número especial da Revista Pró-posições esteja contribuindo com uma problematização e reflexões mais críticas - que tenham seus questionamentos voltados para a prática - sobre o ensino de dança no Brasil. Acima de tudo, penso que estes artigos, de autores internacionais, possam ser mais um "parâmetro" para a elaboração de nossos currículos nacionais.

Isabel A. Marques *

* Professora - Doutora e Pesquisadora membro do NACE - NUPAE da ECA/USP, diretora do CALEIDOS®, grupo de dança e educação